

EDUCAÇÃO E MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS EM FRONTEIRA: ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE METODOLOGIAS

Education and International Migrations on Borders: Some Notes on Methodologies

Marco Aurélio Machado de Oliveira*
Alcino Gabriel da Silva Vernochi**

Resumo: Este artigo objetiva avaliar o quanto estudos acadêmicos têm sido capazes de encontrar respostas para perguntas feitas pelas sociedades que compõem as fronteiras. Fizemos estudo de caso com escolas em Corumbá, MS, Brasil, caracterizando as principais inquietações traduzidas pelas Dissertações no Mestrado em Estudos Fronteiriços da UFMS, quando da captura de falas nos ambientes escolares no período de 2010 a 2021. A metodologia utilizada foi de revisão bibliográfica crítica. Os resultados alcançados mostraram que as pesquisas, iniciadas com caracterizações espaciais das escolas, evoluindo para a captura de falas de envolvidos nesse ambiente, levaram às reflexões sobre problemas de gestão escolar.

Palavras-chave: Fronteira, metodologia, educação, migrantes internacionais, Migrafron.

Abstract: This article aims to assess how much academic studies have been able to find answers to questions asked by the societies that make up the borders. We carried out a case study with schools in Corumbá, MS, Brazil, characterizing the main concerns translated by the Dissertations in the Master's Degree in Border Studies at UFMS, when capturing speeches in school environments from 2010 to 2021. The methodology used was a literature review criticism. The results achieved showed that the research, which began with spatial characterizations of schools, evolving

Introdução

A associação entre as categorias fronteira e migração internacional desconhece a temperatura morna. Polemizadas, estigmatizadas, romantizadas, demonizadas ou negligenciadas, elas estão em permanentes estados de observação e julgamento. Seja nas raias administrativas, sentidos comuns ou, o que é grave, em algumas formulações acadêmicas, há ideias sobre elas e que por muitas vezes se apresentam sob a forma de ideologias se dividindo em dois níveis. Em um, paira a força da globalização que, retoricamente, a coloca como algo obsoleto e que, portanto, deveria estar restrito a pequenas e pontuais funcionalidades, isso ao mesmo tempo em que, na prática, endurece legislações e visa impermeabilizá-la, tangenciando o que Homedes e Ugalde (2003) já alertavam duas décadas atrás. Em outro, sustentado, essencialmente,

* Professor Titular na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Docente Permanente no Mestrado em Estudos Fronteiriços, na mesma Instituição. Coordenador do Observatório Fronteiriço das Migrações Internacionais (Migrafron). E-mail: marco.oliveira@ufms.br.

** Mestrando em Estudos Fronteiriços, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: vernochii@gmail.com.

to capture the speeches of those involved in this environment, led to reflections on school management problems.

Keywords: Border, methodology, education, international migrants, Migrafron.

pelas forças estamentais, ancora-se na necessidade de garantir a soberania, mesmo que mitológica, dos Estados. Seja numa ideia ou noutra, há que se reconhecer um pensamento sobre ela, e sobre ele devemos nos preparar para uma análise. Falamos aqui de um pensamento que a desqualifica para poder requalificá-la em outros níveis. Dizer que esse pensamento criminaliza, sujeita e distancia a fronteira dos centros decisórios é apenas um reconhecimento do que vem sido dito em pouco mais de meio século.

Para trabalhar esse pensamento é necessário que sejam feitas algumas considerações sobre as metodologias que entendemos ser ponto de partida para aplicação dos procedimentos metodológicos. E, neste sentido, recorreremos a Edward Said (1990) por considerar muito importante sua maneira de construir metodologias, ou se adaptar a elas, como forma de resistir à força desse pensamento e de suas decorrentes ideias.

Faremos uso de três aspectos que nos levam a refletir. Primeiro, a política, que consideramos a força inicial, portanto, com poder de criação da fronteira, e, também, inercial porque a mantém. Anderson (1994) identificou uma hierarquia política muito interessante, nela a *alta política* é definida como a esfera onde a Defesa e as Relações Exteriores são as principais responsáveis pelos aspectos mais elevados da administração do Estado. Ao passo que a

baixa política está no campo cotidiano das esferas que lidam diretamente com as políticas traçadas pela *alta política*. Esse conceito político colabora muito para a *formação estratégica* que Said salientou, pois nos permite encontrar os germinais e os respectivos desdobramentos do pensamento sobre a fronteira, e nela incluir outra categoria que o fundamenta: a autoridade. E sobre essa categoria recai a estratificação do início e da permanência, daquilo que originou e sobrevive.

Um segundo aspecto a ser observado é a sociedade, e nela incluir os migrantes internacionais. Pensamos que a dinâmica fronteira, portanto, a vida ali elaborada, é avivada a partir deles e das mercadorias, principais alvos nos desdobramentos do pensamento político sobre a fronteira (OLIVEIRA, 2016). Embora, dessa forma, recaiam sobre essas categorias os pesos do pensamento e das ações de autoridades, elas são portadoras de autonomias que lhes asseguram elaborações de estratégias de sobrevivências, redes de solidariedade e dinâmicas muito peculiares. As vidas cidadinas em fronteira demonstram bem saber as maneiras como manejar suas escalas nacionais, internacionais, locais e globais, de tal modo que as práticas e manejos sobre os seus jeitos de comunicar lhes são garantias de construção e ordenamento de territórios.

Entendemos que, por um lado, as fronteiras possuam profundas marcas históricas que se traduzem em tensões de longas durações. A presença e resistência de povos originários, os diversos tipos de manifestações aos fluxos migratórios, como racismo, xenofobia e preconceito e as relevâncias estratégicas no mercado global ou intrarregional são incorporados em seus cotidianos ao ponto de podermos identificar certos tipos de estabilidades nas cidades fronteiriças. Conflitos, solidariedades e indiferenças são aspectos que merecem atenção especial no sentido de entender como são construídas tais estabilidades, que não podem ser confundidas com equilíbrio em relações marcadas pela sobrecarga de tensões. E nelas podemos identificar as distinções entre os agentes e agidos (BRAUDEL, 1987) nas tessituras sociais, seja entre autoridades, empresários, estudantes, trabalhadores formais ou não. Ou seja, trata-se de uma complexa construção de sociedades que foi promovida pelos distanciamentos e aproximações, dependendo das escalas já mencionadas, impondo às esferas ligadas à *alta política* desafios descomunais para compreendê-la e promover políticas que não estejam restritas ao binômio controle-vigilância.

O terceiro ponto a ser observado aqui é relacionado aos estudos acadêmicos. No Brasil ainda não são muitos os grupos de pesquisa que desenvolvem estudos sobre as fronteiras estando localizados nelas. Não que a localização de um grupo de estudiosos signifique, necessariamente, a garantia de excelência na pesquisa, tampouco sua perenidade. Mas, estar inserido em múltiplas faces de condições

periféricas torna possíveis as imersões, cujos desdobramentos podem levar a soluções criativas nos diversos impasses que os agentes da *baixa política* enfrentam em seu dia-a-dia. Ou seja, as atividades de pesquisa e extensão promovidas pelas universidades podem dar respostas diferenciadas, principalmente se as perguntas forem escutadas de forma bastante qualificada.

Aproximar os estudos acadêmicos às práticas, públicas ou privadas, desenvolvidas nas sociedades de fronteira pode criar um dos ambientes mais belos nesses lugares: a força da criatividade como expressão de superação e sobrevivência. E é nessa perspectiva que realizar aprofundamentos nos estudos ligados à *baixa política*, onde os pensamentos, decisões e ausências da *alta política* se efetivam, podem permitir interessantes inserções sociais. É um caminho que não pode pretender se limitar a observar, portanto se inclina a ser participante desse processo criativo ao mesmo tempo em que busca entender as dinâmicas tão peculiares. Isso sem perder de vista a permanente reflexão sobre o pensamento construído sobre a fronteira, revendo conceitos, redefinindo alcances epistemológicos e traçando metodologias fundamentadas em averiguações estratégicas.

Neste sentido, este artigo objetiva avaliar o quanto estudos acadêmicos têm sido capazes de encontrar respostas para perguntas feitas pelas sociedades que compõem as fronteiras. Fizemos estudo de caso com escolas em Corumbá, MS, Brasil, caracterizando as principais inquietações traduzidas pelas Dissertações no Mestrado em Estudos Fronteiriços (MEF) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, quando da captura de falas nos ambientes escolares no período de 2010 a 2021. A metodologia utilizada foi de revisão bibliográfica crítica. Os resultados alcançados mostraram que as pesquisas, iniciadas com caracterizações espaciais das escolas, evoluindo para a captura de falas de envolvidos nesse ambiente, levaram às reflexões sobre problemas de gestão escolar.

Corumbá como palco das migrações histórica e atuais

Corumbá é uma cidade que possui cerca de 110 mil habitantes e está conurbada com Ladário em seu lado Leste, e ao Oeste, nos limites territoriais do Brasil, com as bolivianas Puerto Quijarro e Puerto Suarez. Trata-se de um conjunto urbano com aproximadamente 180 mil habitantes. As fundações de Corumbá e Ladário, em 1778, se deram por conta da busca de metais preciosos em uma imensa área que chegava ao norte, na região de Cuiabá, o que impôs e a necessidade da Coroa portuguesa em defender e delimitar seu território, embora devamos reconhecer que muito disso, também, se devesse aos desdobramentos do Tratado de Madri (1750). Já a cidade de Puerto Suarez foi fundada em 10 de novembro de 1875,

quase 100 anos depois. Segundo Oliveira, Oliveira e Rodrigues (2020, p. 48), “A fundação de Puerto Suarez pode ser interpretada como uma política do governo boliviano de consolidar suas fronteiras expressas em práticas de ocupação, através de criação de núcleos urbano”; Enquanto que Puerto Quijarro (1948) teve sua criação como desdobramento da construção da estrada de ferro que liga Corumbá a Santa Cruz de La Sierra.

Por conta deste aspecto geográfico, teve um dos portos mais movimentados do país, tendo seu auge no início do século XX. Após a Guerra com o Paraguai (1864-1870) houve um grande fluxo de migrantes internacionais e mercadorias de vários países. Para lá se deslocaram imigrantes de diversas nacionalidades, como: italianos, portugueses, espanhóis, franceses, sírios, libaneses entre outras (OLIVEIRA, 2006). O Comandante H. Pereira da Cunha chama Corumbá de “pequena Babel”, por conta dos diversos idiomas que eram falados, reparando inclusive que o português era a língua menos utilizada (SOUZA, 2008). Dentre os imigrantes, os que mais tiveram êxito comercial foram os sírios e libaneses.

O fluxo imigratório do Paraguai para àquela região se deu com o fim da guerra, em 1870. Os soldados brasileiros, principalmente da região onde hoje é Corumbá, vieram acompanhados dos paraguaios, que foram atraídos pelo incentivo imperial de povoamento da região, através da concessão de passagens gratuitas em viagens nos vapores que navegavam rio Paraguai acima (SENA, 2012). Após o fim da escravidão, em 1888, eles foram a opção de mão de obra barata na região, como afirma Sena (2012):

A presença de paraguaios(as) na cidade foi significativa nos anos finais do período escravista. Mão de obra barata e que muitas vezes foi direcionada a trabalhos forçados, paraguaios/ paraguaias acabaram por realizarem as mais diferentes atividades nos ambientes urbanos e rurais da região. (SENA, 2012, p. 80)

Através das diversas associações e consulados era possível ver a presença significativa de cada nacionalidade de migrantes na cidade. Mas diferentes dos consulados, que possuíam um papel jurídico, as associações representavam redes de solidariedades, o que facilitava a vinda de outros migrantes de mesma nacionalidade, sejam eles familiares ou não (OLIVEIRA; OLIVEIRA; RODRIGUES, 2020)¹.

Os portugueses construíram sua história em Corumbá marcada por diversos fatores. Um dos mais relevantes no tocante ao processo migratório internacional

¹ Atualmente os consulados que ainda existem na cidade de Corumbá são: o Consulado da República da Bolívia, localizado na Rua Sete de Setembro, número 47. E o Consulado Honorário de Portugal, localizado na Rua Antônio João, número 170. Diferente dos bolivianos, que são frequentes na cidade, o número de portugueses é bem reduzido. Porém, estes tiveram grande importância na cidade, tanto como exemplo de formação de rede de solidariedade, quanto como na assistência social para com a população local.

é a construção de redes de solidariedade entre eles. No caso deste grupo de migrantes, a fundação da Sociedade Beneficência Portuguesa 1º de Dezembro, em fevereiro de 1892, é um marco na história migratória em Corumbá, e que servirá como espelho para outros grupos que ali se instalaram ao longo do século XX. Sua ata de fundação deixa explícita a vocação da entidade em dar acolhida aos patrícios que naquela cidade desembarcavam, dando-lhes orientações das mais variadas sobre as rotinas administrativas e econômicas, apoio a viúvas, além de oferecer lugares de moradia, onde lhes era cobrado valores simbólicos por determinado período. Posteriormente, foi acrescido o propósito de filantropia junto à sociedade local, assistindo ao hospital que estava em fase de construção.

Oliveira, Oliveira e Rodrigues (2020) trouxeram grandes contribuições para o entendimento das dinâmicas fronteiriças vivenciadas por Corumbá, especialmente quando mencionam as tentativas de controles de mercadorias e pessoas no limite internacional com a Bolívia. Diversas medidas administrativas foram tomadas nesse sentido, e, quase invariavelmente, não davam os resultados esperados. Desde aqueles tempos as camadas inferiores da sociedade já sabiam manejar os códigos legais de ambos os países para obter melhores resultados em suas estratégias de sobrevivência, fossem nas fugas de cativos, fossem nas circulações de pessoas de ambos os lados e de direções variadas.

Na atualidade, Corumbá convive com diversidades de nacionalidades que habitam a fronteira na qual ela exerce fortes centralidades. Há pesquisas em andamento que apontam para manutenção de níveis estáveis na quantidade de nacionalidades que ali vivem, tanto no sentido histórico quanto atual, orbitando em torno de 20 a 25 diferentes origens de migrantes internacionais nas quatro cidades.

Para chegar na “fronteira”, termo utilizado pela população local para designar a linha de fronteira em Arroyo Concepción, precisa percorrer apenas 5 Km na rodovia Ramon Gomez. Não há qualquer dificuldade física ou pedágio no trajeto. Além disso, a empresa local de ônibus possuiu uma linha exclusiva, no qual a tarifa é R\$ 3,70. Essa facilidade e curta distância entre as cidades-gêmeas permite um fluxo intenso e diário, seja dos moradores locais, ou migrantes que estão de passagem. Há brasileiros que preferem residir no lado boliviano e vice-versa. Estes migrantes que transitam entre os países, dentro da região de fronteira, para trabalhar, tratar da saúde ou estudar, mas que ao final do dia retornam para seus lares, são chamados de migrantes pendulares (OLIVEIRA; OLIVEIRA; CORREIA, 2017).

A cidade também mantém intensa rotas de diversas outras nacionalidades, sendo preponderantes as haitianas, colombianas e venezuelanas, que tiveram seu aumento a partir de 2010. Porém, a realidade migratória só veio afetar administrativamente os órgãos que atuam no controle migratório na cidade no ano

de 2018. A partir de mudanças nas leis migratórias no Chile, diversos haitianos se deslocaram para o Brasil, tendo essa fronteira como porta de entrada. De fato, foi instalada uma crise, principalmente, a partir das dificuldades relacionadas a quantidade de pessoal que a Polícia Federal enfrentou para dar conta do volume de migrantes que chegavam.

Em relação aos migrantes venezuelanos, a situação não é diferente como assinala Almeida (2020):

Ocorre que na fronteira do município de Corumbá, observa-se claramente a inexistência de práticas governamentais como a Operação Acolhida, inserindo o fluxo de venezuelanos, no mesmo contexto e patamares dos demais grupos de migrantes internacionais, sem quaisquer diferenciações quanto aos procedimentos públicos, tampouco orientações junto aos órgãos que atuam diariamente com esses grupos sociais. (ALMEIDA, 2020, p. 21)

Diferente do que ocorre em outros centros urbanos do Brasil, a população local não demonstra xenofobia de forma aflorada. Se, podemos afirmar que parcela significativa da sociedade local mobilizou-se no caso dos haitianos, isto não isenta a existência de comentários xenófobos em relação a esses imigrantes. As manifestações acontecem de maneiras sutis, em rodas de conversas ou em comentário nas redes sociais. Não há qualquer manifestação urbana, seja em forma de pichação ou agressão física que explicita o desconforto da população local com a presença desses imigrantes. Até porque eles se encontram em pontos específicos da cidade, como na Polícia Federal, Casa do Migrante, rodoviária e hotéis ou pousadas. Diferente do que acontece com os migrantes venezuelanos, que é possível encontrá-los no centro da cidade, principalmente nos sinaleiros, pedindo algum tipo de ajuda, seja financeira ou alimentícia. Também é possível encontrar dentro da cidade outros imigrantes provenientes dos países latino-americanos como: chilenos, peruanos, cubanos, colombianos entre outros. À exceção dos dois últimos grupos de migrantes, os demais são mochileiros que ficam temporariamente na cidade. A interação com a população local é através da venda de artesanatos ou troca destes por comida. Alguns moradores podem se incomodar com as abordagens, às vezes insistentes, durante o percurso no centro da cidade, mas nada que vá gerar uma manifestação xenófoba, que em um grau elevado resulte em agressão.

Conforme afirma Machado (2005, p. 93), “Em áreas de fronteira internacional (...), a relação com a ‘alteridade’, com o Outro, do outro lado da divisória, é decisiva na configuração das relações sociais como um todo”, assim, como Corumbá recebe migrantes internacionais desde há muitos anos, sua relação com eles pode ser considerada receptiva. Uma das hipóteses para explicar isso está em suas raízes portuárias e fronteiriças, o que impõem à cidade traços de aceitabilidades e convivências diferentemente de outras cidades sem essas características. Não

podemos nos iludir quanto aos níveis de aceitabilidade para a vida social e laboral, uma vez que os tratamentos dados à um imigrante haitiano, por exemplo, dificilmente será o mesmo que um europeu irá receber.

A questão relacional do corumbaense com o migrante internacional ganha contornos mais desafiadores para ser compreendida quando se trata de origem boliviana, principalmente se ele for de origem indígena, da Chiquitania ou dos Altiplanos. A relação da população local com os bolivianos é bastante complexa, uma vez que diversos daqueles que se manifestam de maneira racista e xenófoba, mesmo reivindicando a nacionalidade brasileira, são filhos, netos, esposos, pais ou sobrinhos daqueles a quem agridem.

A presença de imigrantes nas escolas de Corumbá e as análises acadêmicas sobre ela

Em sua interessante Dissertação de Mestrado, Jaime (2010) trabalha com a historicidade de uma escola em Corumbá próxima ao limite internacional. Trata-se de da Escola Municipal CAIC “PADRE ERNESTO SASSIDA” (CAIC). Em sua pesquisa levou em consideração a localização, o trabalho pedagógico intercultural e a importância do ensino da língua espanhola em resposta à demanda de alunos bolivianos ou brasileiros que moram na Bolívia naquela escola. Segundo o autor

O CAIC é uma escola que já começou grande pelo projeto que se predispunha. Em 2009 contava com 480 alunos no período matutino, 600 no vespertino e 150 no noturno. Entre os períodos matutino e vespertino estudavam 70 alunos bolivianos moradores da fronteira, outros não se intitulam bolivianos ou fronteiriços, apesar de apresentarem traços culturais, que os evidenciam pertencentes a essa etnia. (JAIME, 2010, p. 58)

Interessante a forma como o autor utiliza o termo “fronteiriço” para se referir às pessoas que moram do outro lado do limite territorial brasileiro. Com isso acabou demonstrando que, mesmo com uma pesquisa com bom grau de robustez, incide nas armadilhas do senso comum ao não reconhecer o conjunto da sociedade de fronteira como “fronteira”.

Em outra Dissertação de Mestrado, que tem a escola CAIC como local de pesquisa, Silva (2016) trabalha com o processo de alfabetização dos alunos residentes na Bolívia, mas que estudam naquele colégio. Em sua pesquisa documental realizada na Secretaria da Escola, em Dezembro de 2015, ela traz novos dados em relação à quantidade de alunos naquele ano. Segundo o levantamento, em 2015, a escola CAIC possuía 662 alunos matriculados, sendo 204 residentes na Bolívia. Se compararmos com os dados de Jaime (2010), houve uma queda no número total, mas um aumento em relação ao número de alunos que moram no país vizinho. A autora também traz a fala de duas mães, que contam o motivo delas optarem por

matriculem os filhos no CAIC e não numa escola boliviana. Não ficou explícito se elas eram bolivianas, brasileiras, ou ainda, se possuíam ascendência.

As mães abordadas por Silva, quando questionadas sobre a opção por uma escola brasileira para seus filhos, ambas afirmaram que eles estudam no CAIC desde a Pré-escola. E, que fizeram essa escolha por considerarem o nível de estudo na Bolívia mais baixo, acrescentou o fato deles possuírem documentos brasileiros ter facilitado o ingresso em uma escola no Brasil. Informaram que escolheram o CAIC porque o acesso é mais facilitado, por estar localizado na rodovia que segue para a Bolívia. Uma das mães comunicou que almeja que seus filhos cheguem a cursar a Universidade no Brasil, e que já possui um filho servindo a nação brasileira na Marinha do Brasil (SILVA, 2016, p. 50).

Outra questão importante que ela traz no texto, e que veremos em outras pesquisas, é o medo do aluno que não tem domínio da língua portuguesa em expor alguma dúvida, pois teme não ser compreendido e caçoado pelos demais colegas. Os alunos residentes na Bolívia afirmam que em sala, na maioria das vezes ficam tímidos e não expõem as dúvidas e dificuldades ao professor, não só por não serem facilmente compreendidos, como também, pelo receio em se expor para os demais alunos. (SILVA, 2016, p. 51)

Saindo da área urbana e indo para zona rural, Moraes (2012), em sua pesquisa trabalhou com a presença de alunos brasileiros, residentes na Bolívia, na escola Eutrópia Gomes Pedroso (Eutrópia), que se localiza no Assentamento Tamarineiro I. Ela funciona no período matutino com o Fundamental II (6º ao 9º ano) e no período vespertino, atendendo alunos do ensino fundamental I (1º ao 5º ano). Esses alunos podem ser considerados migrantes pendulares, devido sua locomoção entre os dois países com o intuito de estudar, embora Aguilar (2021) trabalha com o conceito “semi-retornados” para este tipo de alunos. Moraes (2012) analisa a situação sociolinguística da escola, que apresenta cenários de bilinguismo e o que ele chama de “jogo de identidades” que os alunos se deparam. O autor apresenta dados do ano de 2010, em que a escola apresentava um total de 271 (duzentos e setenta e um) discentes, sendo 105 (cento e cinco) com residência na Bolívia. Vale salientar que estes alunos são documentalmente brasileiros, onde na sua maioria possuem ascendência boliviana.

Bumlai (2014) também desenvolveu pesquisa na Escola Eutrópia, e em sua Dissertação “verificou o papel das escolas e da educação na questão da integração, diminuição das diferenças e preservação das identidades. Além da escola Eutrópia, ela também realizou sua pesquisa na Unidade Educativa “La Fronteira”, que se localiza em Puerto Quijarro. Apesar de não ter a intenção de mostrar a questão da xenofobia nas escolas, acabou trazendo várias questões a respeito. Segundo a

autora, “cerca de 700 alunos bolivianos atravessam a fronteira diariamente para estudar na rede municipal de ensino e brasileiros atravessam a fronteira para buscar educação na Bolívia”. Porém, como a autora aplicou o questionário somente com os alunos do Ensino Fundamental II (do 6º ao 9º ano) da escola Eutrópia, o número de migrantes pendulares não contemplou todas as séries, totalizando 43 (quarenta e três) brasileiros que vivem na Bolívia, mas que estudam naquela escola.

Através desta e de outras pesquisas, observamos que o ensino da língua espanhola é muito importante para a socialização entre os alunos de região fronteiriça. Especialmente, quando nos deparamos com imensas desigualdades entre as nações que compõem a que estamos analisando. Numa região de fronteira, o preconceito linguístico é contra o país menos desenvolvido, ou aquele que pela ordem das nações está mais abaixo. No caso do Brasil, o inglês é uma língua de prestígio, enquanto o espanhol é depreciado quando em comparação com outra língua de origem europeia. Dessa maneira, percebe-se o desinteresse em aprender o espanhol e até mesmo o preconceito linguístico com o idioma (MORAES, 2012).

O entendimento da língua do outro ajuda a estreitar laços e amenizar ou evitar discriminações e preconceitos. É comum observar algumas pessoas de Corumbá rotular qualquer falante da língua espanhola/castellana como boliviano, ignorando outros países vizinhos falantes destas línguas. Essa conclusão é acentuada, principalmente, quando o falante tem um fenótipo indígena. O preconceito e a xenofobia presentes na região podem fazer com que o aluno não tenha interesse em aprender o Espanhol ou Castellano, pois vai estar “falando igual a um boliviano”.

Essa questão do preconceito linguístico é exemplificada na Dissertação de Bumlai (2014), quando ela questiona os alunos brasileiros sobre qual idioma os que vivem na Bolívia falam. Dos trinta alunos, três responderam que falam “boliviano”. Esses alunos ao serem questionados de onde aprenderam que o idioma falado na Bolívia é o boliviano, eles responderam que é porque quem vive na Bolívia fala boliviano e que não gostam de falar muito, porque algumas pessoas ficam dizendo que é “feio” falar esse idioma, assim sentem vergonha e tentam falar somente o português. (BUMLAI, 2014, p. 63)

A Dissertação de Conceição (2014) apresenta as dificuldades dos alunos pendulares, da Bolívia, para estudarem nas escolas de Corumbá, sendo que sua pesquisa foi realizada Escola Estadual Dom Bosco, que está localizada no Bairro Dom Bosco, próximo ao limite Brasil-Bolívia. Sua motivação para esta pesquisa foi o seu tempo de docência na escola Dom Bosco, onde teve contato com vários alunos de origens bolivianas. Dentre as dificuldades apresentada estão: o transporte, identidade, idioma e preconceito. Sua dissertação apresenta vários depoimentos que abordaram o preconceito para com os bolivianos. Em especial o depoimento

de uma das alunas, onde ela se posiciona sobre as ofensas que recebeu na internet devido a sua ascendência boliviana. Apesar de se orgulhar de suas origens, a aluna não queria mais se envolver com os agressores. Parte de sua fala mostra um dos motivos pelo qual o ambiente escolar foi escolhido nesta pesquisa para tratar da xenofobia na cidade de Corumbá:

Na escola é só o começo de tudo que vai nos acontecer, sim tem preconceito na escola, assim como tem nos trabalhos, nos mercados, nos postos, praças e até nas redes sociais que foi o que aconteceu comigo há algum tempo atrás. (CONCEIÇÃO, 2014, p. 69)

Conceição também aborda a interação entre os estudantes pendulares da Bolívia, em sala de aula, com os alunos de Corumbá. O que se percebe pelas entrevistas é que o aluno, seja ele boliviano ou com ascendência, não tem paciência ou prazer de explicar ao colega brasileiro de sala de aula, aquilo que faz parte da sua cultura e não é entendido pelo outro. Analisando tudo que foi dito, é possível afirmar que essa falta de paciência é, na verdade, pela falta de políticas educacionais adequadas para entender esse tipo de aluno, além da falta de interesse dos brasileiros em conhecer a cultura do outro

[...]. Talvez pela dificuldade de expressão e insegurança em relação à situação de —intruso e por não serem aceitos, muito menos admirados, por pertencer a um grupo culturalmente diferente. Os alunos corumbaenses, por sua vez (segundo os próprios alunos imigrantes pendulares), não querem saber, não tem interesse por nada que venha da Bolívia, portanto nem questionam o que não entendem e preferem menosprezar. A resposta dos alunos imigrantes pendulares da Bolívia a essa situação, é usar a estratégia do silêncio. E isso acaba contribuindo para aumentar o afastamento, ou até mesmo o isolamento desse aluno na sala de aula. (CONCEIÇÃO, 2014, p. 71)

Já Aguilar (2021), em sua Dissertação sobre o transporte escolar em região de fronteiras, trabalha com a disponibilidade de meios de transporte para alunos pendulares, residentes no lado boliviano. Sua proposta consiste em inserir uma nova linha de transporte escolar no município de Corumbá, já que esta não possui uma que contemple os alunos da zona urbana, de forma gratuita. A não existência dessa linha acontece até o momento, pois há a concessão do vale transporte gratuito para estudantes desde a pré-escola até a pós graduação, com base na lei municipal 2.039/2008. Devido ao inciso I, do Capítulo dois dessa lei, que determina que um dos critérios de concessão é a comprovação de residência no município de Corumbá, os alunos residentes na Bolívia não são contemplados, o que faz com que eles utilizem outros meios de transporte, com um preço acessível. A empresa concessionária de ônibus naquela cidade, possui uma linha que faz o percurso desde o limite fronteiro, até o ponto final, que se localiza no centro da cidade, pelo custo de R\$ 3,70. Por conta disso, o aluno teria que gastar R\$ 7,40 por dia. Dependendo da renda da família, seria inviável arcar com esse custo mensalmente.

O trabalho também apresenta dados sobre o número de alunos estrangeiros² dentro da Rede Municipal de Ensino, em 2020, somando um total de 80 (oitenta) alunos estrangeiros. Dentre as nacionalidades, temos 71 (setenta e um) da Bolívia, 3 (três) da Colômbia, 1 (um) de Cuba, 1 (um) da Jordânia, 1 (um) do Paraguai e 2 (dois) da Venezuela. Segundo Aguilar (2021, p. 44) “O maior número de matrículas concentra-se no Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano), seguido da Pré-Escola, Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e em menor quantidade na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Creche.” Porém, outros dados apresentados pela mesma, mostram que entre 2015-2020, haviam outras nacionalidades presentes na REME, como: Arábia Saudita, Abissínia, EUA, Japão, Espanha, Palestina e Ilhas de Santa Cruz.

Considerações finais

O MEF tem se notabilizado por se esforçar em criar metodologias que sejam capazes de dar respostas às inquietações de sociedades fronteiriças. Contudo, o mais valoroso em seus pesquisadores está no fato deles terem a preocupação de reavaliar os métodos que utilizam para escutar as perguntas que demandam tais respostas. Isso é, realmente, de enorme valor, principalmente, por não ficar indiferente ao que realmente mais nos interessa: as vozes dos fronteiriços.

Constatamos nessa pesquisa uma evidente evolução na análise e coleta de informações por parte dos pesquisadores do MEF, tanto em seu quadro de orientadores quanto de seus discentes. Isso é demonstrável pelo caminho que se iniciou com uma caracterização espacial de uma escola próxima ao limite entre Brasil e Bolívia, passando pelas análises nas falas coletadas em diversos ambientes escolares com seus protagonistas, a saber: docentes, discentes e pais, chegando aos gestores escolares e os problemas administrativos, como no caso do transporte escolar.

Entendemos que as pesquisas estão em um estágio que demonstra necessidades de recalculares a proposta de inserção social junto a esses ambientes. Tal estágio não significa, necessariamente, um impasse, uma vez que já foram encontrados meios de estabelecer canais mais efetivos de colaboração junto a diversos segmentos administrativos na municipalidade de Corumbá. E, neste sentido, acreditamos que o Migrafron pode dar contribuições substanciais para desenvolver as metodologias já existentes e criar novas. Damos especial destaque para as possibilidades de estabelecer consolidações de soluções criativas desenvolvidas pelos agentes públicos ligados à educação, bem como valorizar o caminho de busca por respostas às inquietações por eles formuladas.

² Estrangeiro é forma como, documentalmente, os protocolos documentais da Prefeitura Municipal de Corumbá se refere aos migrantes internacionais.

Referências

- AGUILAR, Mabel M. S. **Transporte Escolar em região de fronteira**: aplicação e transferência de meios efetivos aos alunos da Escola Municipal CAIC “Padre Ernesto Sassida” e CEMEI “Catarina Anastácio da Cruz”. 2021. 82 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá-MS, 2021.
- ALMEIDA, Renata Miceno Papa de. **Aplicação e transferência de novas técnicas de cadastro de imigrantes, refugiados e apátridas na assistência social do município de Corumbá-MS**. 2020. 136 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2020.
- ANDERSON, Malcolm. **Policing across national boundaries**. London: Pinter, 1994.
- BRAUDEL, Fernand. **A dinâmica do capitalismo**. Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- BUMLAI, Danielle Urt Mansur. **Ações interculturais nas escolas de fronteira**: Integração e preservação da identidade. 2014. 120 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2014.
- CONCEIÇÃO, Orsolina Silva Fernandez da. **Migração pendular na fronteira Brasil-Bolívia**: Uma análise dos alunos nas escolas públicas de Corumbá. 2014. 103 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2014.
- HOMEDES, Núria; UGALDE, Antonio. Globalization and health at the United States–Mexico border. *American Journal of Public Health*, v. 93, n. 12, p. 2016-2022, dec. 2003. Disponível em <https://ajph.aphapublications.org/doi/full/10.2105/AJPH.93.12.2016>.
- JAIME, Cleber Santos. **CAIC- A construção de uma escola na fronteira Brasil-Bolívia**. 2010. 89 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2010.
- MORAES, Lourival Monteiro de. **Bilinguismo e jogo de Identidades na região de Fronteira**: a Escola Eutrópia Gomes Pedroso de Corumbá. 2012. 78 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2012.
- OLIVEIRA, M. A. M. Tempo, Fronteira e Imigrante: um lugar e suas “inexistências”. In: OLIVEIRA, T. C. M. (org.). **Territórios sem Limites**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2006. p. 349-358.
- OLIVEIRA, Marco A. M. O ambiente fronteiriço: traços intangíveis e realidades sinuosas. **Revista GeoPantanal**, Corumbá, n. 21, p. 13-22, jul./dez. 2016.
- OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de; OLIVEIRA, Jéssica Canavarro; RODRIGUES, Wanessa Pereira. **Corumbá entre ruas e cemitério**: o tempo e o silêncio. Uberlândia: LAECC, 2020.
- REYNALDO, Ney Iared. **Comércio e navegação no rio Paraguai (1870-1940)**. XI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia. Facultad de Filosofía y Letras. San Miguel de Tucumán: Universidad de Tucumán, 2007.
- SAID, Edward. **Orientalismo**. Trad. de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- SENA, D. M. O cotidiano de estrangeiros num lugar cosmopolita: Corumbá, 1870-1888. **Sæculum – Revista de História**, n. 27, p. 77-93, 2012.
- SILVA, Norma Beppler Penido Ribeiro da. **Escola de fronteira**: proposta para alfabetização de alunos residentes na Bolívia que estudam na escola CAIC, em Corumbá/MS. 2006. 84 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2006.
- SOUZA, João Carlos de. **Sertão cosmopolita**: tensões da modernidade de Corumbá (1872-1918). São Paulo: Alameda, 2008.